
RESENHA

UM OLHAR SOCIOLOGICO SOBRE A CIÊNCIA

*Lea Velho*¹

KREIMER, Pablo, *De Probetas, Computadoras y Ratones. La construcción de una mirada sociológica sobre la ciencia*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1999. 261 p. ISBN 987-9173-36- 8².

Este livro é muito bem vindo. Ainda que, como diz o próprio autor, “esse espaço [de compreensão social da ciência] pareça, na atualidade, bastante pouco freqüentado pelos investigadores de ciências sociais latino-americanos” (p. 34), aqueles que o fazem, entre os quais eu me incluo, aguardavam ansiosamente a existência de um livro como este em língua espanhola (ou portuguesa). Nos nossos países, dadas as dificuldades mesmo do público de maior nível de escolaridade, assim como dos estudantes universitários, de ler em inglês (a *língua franca* da ciência), a mobilização do interesse das pessoas em direção ao estudo das relações complexas e amplas entre ciência, tecnologia e sociedade exige a disponibilidade de textos básicos nos nossos idiomas nativos.

Isto dito, repito, com maior ênfase: este livro é muitíssimo bem vindo. Sim, porque sua maior virtude não é o fato de ter sido escrito em espanhol, mas a qualidade do trabalho realizado. O livro oferece um relato “da gênese e desenvolvimento das idéias mais importantes em sociologia da ciência na segunda metade do século XX”, idéias estas que colocaram o conhecimento científico dentro dos limites da análise sociológica (p.37). Ainda que este mesmo intento

¹ Professora Livre-Docente do Departamento de Política Científica e Tecnológica, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Caixa Postal 61152. CEP: 13083-970, Campinas, SP. E-mail: velho@ige.unicamp.br.

² Esta resenha foi publicada em espanhol em REDES (Revista de Estudios Sociales de la Ciencia) v. 7, n. 14, p. 237-239, 1999 (Buenos Aires, Argentina: Universidad Nacional de Quilmes).

tenha sido realizado por uma série de autores nas últimas duas décadas, Pablo Kreimer consegue ir além do convencional. Isso se deve, por um lado, ao fato de que sua reconstrução da análise sociológica da ciência não é meramente cronológica, mas guiada pela busca de respostas a questões que se colocaram a ele no marco da investigação empírica em laboratórios científicos. A tomada de consciência de que tal reconstrução se fazia necessária para elaborar um marco analítico que permitisse interpretar o abundante material empírico obtido nos laboratórios observados é relatada na apresentação do livro na forma de um testemunho pessoal do autor. Por outro lado, Pablo Kreimer avança onde outros não o conseguiram porque a análise histórica das diferentes correntes de pensamento sociológico da ciência que ele apresenta incorpora a noção de “reflexividade”. Como ele mesmo aponta na introdução do livro, a gênese das idéias não é apresentada “em termos de uma contraposição linear [das mesmas], mas como diferentes esforços de reflexão, eles mesmos surgidos a partir de contextos particulares, e interpelando ou construindo um objeto que também vai se transformando ao longo do tempo” (p.41).

O relato do que o autor chama de “olhar sociológico sobre a ciência” foi organizado em três capítulos, cada um deles correspondendo a um dos “grandes momentos” desta reconstrução. O primeiro refere-se à emergência e desenvolvimento do pensamento de Merton sobre a ciência, que é apresentado como um “antecedente na construção de uma verdadeira sociologia da ciência” (p.43). A riqueza deste relato está na forma como as idéias de Merton e seu programa de pesquisa são devidamente colocados no contexto social e histórico e no diálogo estabelecido com os pensadores sociais que o antecederam e com aqueles que com ele partilharam a construção da especialidade. Assim, as críticas feitas são respeitadas e justas e os méritos são claramente reconhecidos.

O segundo capítulo trata do que se convencionou chamar de “divisor de águas” entre a sociologia da ciência mertoniana e a “nova sociologia da ciência”, ou seja, a publicação do livro de Thomas Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas (ERC)*. Aqui Pablo Kreimer enfatiza que vai analisar as “conseqüências sociológicas da obra de Kuhn” que, segundo ele, necessitam ser diferenciadas “da obra de Kuhn em si mesma, com suas inflexões e significados” (p.35). Essa observação do autor não deixa de ser um pouco irônica: para um adepto da nova sociologia da ciência, existe algo como o “significado da obra de Kuhn em si mesma”? Não equivaleria isso a aceitar,

como Merton, que existe algo como uma “resposta da natureza mesma” às perguntas feitas pelo investigador? Apesar desta afirmativa, que eu vejo como um deslize derivado do nosso processo tradicional de aprendizagem em relação à ciência, a análise realizada sobre a recepção do livro de Kuhn pelos sociólogos da ciência é bastante completa. As linhas principais do debate estão apresentadas, as contribuições dos diferentes autores são discutidas e o impacto da ERC nos diferentes contextos nacionais – norte-americano e europeu – é levado em consideração. Em alguns momentos, entretanto, a importância da ERC na emergência da nova sociologia da ciência me parece superdimensionada em detrimento de outros fatores, tais como os movimentos sociais de contestação da ciência, os movimentos intelectuais de questionamento da neutralidade social da ciência, a tradição da metodologia histórica adotada pelos investigadores britânicos.

A emergência da nova sociologia da ciência é tratada no terceiro capítulo. Merecido destaque é dado à chamada Escola de Edinburgo de David Bloor e Barry Barnes e ao fato de que algumas outras correntes, se não se desenvolveram a partir dos postulados estabelecidos por estes autores, tentaram, sim, “fazer uma releitura crítica deles” (p.137). Faz-se também uma apresentação bastante detalhada, criteriosa e lúcida das diferentes correntes de estudo das práticas científicas propriamente ditas: da etnometodologia aos estudos de laboratório. Chama particularmente a atenção neste capítulo que, sob o rótulo de estudos de laboratório, Pablo Kreimer tenha se referido detidamente a investigações anteriores ‘aquelas geralmente consideradas como tendo dado origem à tradição (particularmente o “Laboratory Life” de Latour & Woolgar). Referência detalhada é feita ao estudo empírico realizado por um grupo liderado por Lemaine na França, e publicado em 1973. Nenhum outro estudo empírico foi analisado no livro e esse é exatamente o único aspecto negativo que eu me atrevo a mencionar. Não gostaria, no entanto, de fazê-lo com muita veemência porque, conforme Pablo nos promete na apresentação, um segundo livro que descreve a investigação empírica que ele realizou deverá ser publicado brevemente. Neste livro, provavelmente, os vários estudos empíricos realizados com base nas diferentes correntes da nova sociologia da ciência serão referidos a título de comparação.

O livro termina com um quarto capítulo em que se esboçam algumas conclusões ao mesmo tempo em que se colocam questões sobre a situação que

L. Velho

se apresenta hoje ‘aqueles que pretendem estudar a ciência a partir de uma perspectiva sociológica. Fecha o livro uma série de recomendações, de natureza normativa, que visam evitar que os estudiosos da ciência corram os “riscos” teóricos e metodológicos mais comuns. Talvez seja aqui que Pablo Kreimer coloque mais de si próprio – é onde o livro é mais claramente inovador.

Não bastasse o excelente trabalho realizado por Pablo Kreimer neste livro, ele ainda oferece um “bônus” aos leitores: uma síntese teórica escrita por Terry Shinn, um lúcido e bem conhecido investigador no campo dos estudos sociais da ciência, e colocada como prólogo do livro.

Por tudo que foi dito acima, dou novamente as boas vindas ‘a construção do olhar sociológico sobre a ciência realizada por Pablo Kreimer. E fico aguardando, ansiosamente, a publicação do livro prometido.